

Rodrigo Christofolletti

“A metáfora do resgate só faz sentido se pensarmos no estado precário que alguns bens se encontram hoje no país... É interessante desmistificar a ideia de que espaços como estes servem (no tom imperativo) apenas para ensinar, direcionar o olhar do visitante, como se nós fossemos detentores da verdade história absoluta sobre este espaço: prontos a salvar o patrimônio do descaso do tempo e do homem...”.

1

por Gilvan L. de Oliveira
(Unisantos)



Prof. Dr. Rodrigo Christofolletti nas Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos

Contemporâneos – *como o senhor definiria o conceito de patrimônio e como ele pode contribuir para a formação de uma nação?*

Rodrigo Christofolletti – de forma simplificada, podemos dizer que o conceito de patrimônio (que por definição é multifacetado) abrange todos aqueles elementos, materiais e imateriais, gestados no tempo por populações homogêneas e heterogêneas em determinados espaços geográficos e que estão relacionados à existência mesma dessas populações. Em outras palavras, é na própria ação de reprodução, no seu contato com o meio em que vivem e do qual obtém a sua sobrevivência, que essas populações o modificam e moldam a sua própria natureza. Essa ação do homem sobre a natureza e as transformações que se operam em si quando age, proporcionam os elementos para o surgimento da cultura. Não é gratuito o fato de que o patrimônio de um país está baseado na história e na cultura, ambas dimensões da ação humana. Quando aquelas populações tomam consciência daquele processo complexo e demorado e dos seus resultados – os elementos materiais e imateriais surgidos – neles se reconhecem e os percebem como representação do seu ser e estar no mundo. Temos, então, os elementos constitutivos do nacionalismo. Preservados, trabalhados e divulgados de forma sistemática, teremos então o

patrimônio de uma nação, que é histórico, natural e cultural. Em decorrência deste entendimento, hoje em dia, há uma prevalência do conceito de *bens culturais*, que dá uma dimensão mais abrangente e plural do patrimônio... mas, tanto a ideia de patrimônio quanto a de *bens culturais* é por definição, fruto de um processo vivo que busca responder às demandas e ao tempo em que são empregados.

Contemporâneos – *no caso do Brasil, que é um país relativamente novo se comparado às civilizações europeias e asiáticas, como a questão do patrimônio tem sido utilizada para consolidar os traços mais marcantes da sua população e um sentido de nacionalidade?*

Rodrigo Christofoletti – em países mais antigos, cuja história é milenar, esse processo ocorreu de forma gradual e, podemos dizer também, natural, uma vez que, quando o nacionalismo veio à tona após os eventos desencadeados pela Revolução Francesa, no final do século XVIII e se desenvolveu por todo o século XIX, esses mesmos países já possuíam tradições e uma cultura consolidada, o que não quer dizer que elas fossem estáticas. No caso do Brasil, essa preocupação com a formação da nacionalidade surge após a independência, mas, não se consolida imediatamente, tornando-se uma necessidade propriamente dita no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, quando os intelectuais começam a se preocupar com a posição do país no concerto das nações civilizadas. Num primeiro momento a posição predominante foi a tentativa, forçada, diga-se de passagem, de se inserir no mundo de acordo com os ditames burgueses europeus da belle époque. Depois, a preocupação centrou-se na tentativa de entender como ocorreu a formação da nação e como a questão estava colocada naquele momento. Com a Revolução de 1930, abrem-se novas perspectivas quanto à criação e valorização de um sentimento de identidade da nação. Foram dessa época os primeiros ensaios de interpretação da realidade e sociedade brasileiras, assim como o movimento do romance regionalista de 1930 e a instituição das primeiras universidades. Todo esse processo culminou na criação do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), que é a institucionalização e sistematização de

todo esse movimento surgido no final do século XIX. Hoje, o atual IPHAN mantém certo frescor dos anos 1930, mas as demandas são outras, porque o tempo é outro.

Contemporâneos – *de que maneira a criação do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), em 1937, contribuiu para a preservação do patrimônio*

histórico e cultural brasileiro?

Rodrigo Christofolletti – a criação do SPHAN, depois IPHAN, foi fundamental para a preservação e difusão do patrimônio histórico brasileiro. Como uma das formas principais de se preservar um determinado bem é retirá-lo do esquecimento ou da ignorância, alertando às gerações contemporâneas e futuras para o seu valor simbólico e sentimental, a ação do SPHAN constituiu-se no esforço sistematizado, de cunho governamental, de criação da consciência de existência e pertencimento que é necessária para a formação da nação e da nacionalidade. Em outras palavras, foi uma das materializações, das mais importantes, por sinal, das discussões desenvolvidas durante as décadas anteriores. A questão que se coloca na contemporaneidade é: devemos nos questionar sobre a inflação de preservação, sobre as ditaduras do patrimônio... pois assim, e só assim, poderemos efetivamente ter chances de mapear, cartografar nosso espólio cultural, sem as determinações e as amarras oriundas de organismos externos ou modas passageiras.

Contemporâneos – *a Declaração de Paris, de 1972, é o primeiro documento oficial que trata da preservação do patrimônio cultural conjugado ao patrimônio natural. O senhor nos poderia falar a respeito do Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos, no qual o senhor trabalha, e que é um raro exemplar dessa interação homem-natureza?*

Rodrigo Christofolletti – sem dúvida. O Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos, está localizado na Zona Noroeste da cidade de Santos, próximo à divisa com a cidade de São Vicente. Foi tombado nas

esferas federal, estadual e municipal. Trata-se de um dos primeiros vestígios do processo colonizatório efetivo empreendido pela Coroa portuguesa, pois sua construção, ocorrida entre 1533 e 1534, situa-se nos marcos da criação da Vila de São Vicente, primeira ação jurídicoadministrativa no solo de sua colônia americana. Por quase cem anos o Engenho São Jorge dos Erasmos, que é um dos três primeiros construídos na América portuguesa, produziu açúcar sob demanda do comércio sediado na Europa, Portugal e atual Bélgica. A partir do final do século XVI, a produção da região de São Vicente declinou e o engenho foi alvo de transações ilícitas, além de ter sido saqueado e incendiado na segunda década do século XVII. Por mais de trezentos anos, sua área foi apropriada por outras atividades agrícolas, até suas ruínas serem doadas pelo último proprietário à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH, da Universidade de São Paulo. Por mais de cinquenta anos ficou fechado à visitação pública, quando, a partir de 2004, implementou-se, através da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária, um programa de uso público do bem, voltado para atividades educacionais e culturais.

Como você disse muito bem, o Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos é um exemplar significativo, tanto pela sua antiguidade, como pela conjunção de ação humana e natureza no mesmo espaço, pois, além das ruínas, o seu entorno abrange um dos últimos vestígios de mata atlântica da ilha de São Vicente, onde estão localizadas as cidades de Santos e São Vicente. Como, geralmente, possuímos bens com características ora culturais, ora naturais, as Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos se destacam por conter em si estas duas dimensões.

Contemporâneos – *como funciona a relação entre a memória da comunidade do entorno e as ruínas do monumento? Os moradores percebem o bem patrimonial como algo pertencente a eles ou como extensão do espaço comunitário?*

Rodrigo Christofolletti – esta é uma relação que estamos trabalhando desde 2004. Pelo fato de o monumento ter permanecido fechado por mais de cinquenta anos, ocorreu um distanciamento daqueles moradores mais velhos

em relação àquele lugar, no qual brincavam quando eram pequenos, enquanto que no caso das gerações mais novas, existe um amplo desconhecimento a respeito do espaço e do que contém nele. Contribui para reforçar esse quadro o fato de esta região de Santos, a Zona Noroeste, ter sido ocupada efetivamente apenas nos últimos cinquenta anos. Ou seja, trata-se de uma população que não possui vínculos sentimentais efetivos com o lugar. Somente nos últimos anos, ainda com muita resistência, é que esta relação começou a ser mudada com a abertura do espaço das ruínas para visitação e a implementação de uma série de atividades culturais dedicadas de trazer esta população e fazer do espaço uma continuidade do espaço de suas casas, ruas ou bairros.



Visita dialogada nas Ruínas: roteiro que une preservação do patrimônio e discussão sobre memórias

Contemporâneos – *aproveitando o conteúdo do artigo 5º da Carta de Veneza, de 1964, que diz que “a conservação dos monumentos é sempre favorecida por sua destinação a uma função útil à sociedade”, que ações são desenvolvidas nas “Ruínas” a fim de atingir este objetivo?*

Rodrigo Christofolletti – o trabalho que estamos desenvolvendo nas ruínas está baseado em dois eixos: visitação monitorada para o conhecimento, a apropriação do bem e de sua importância para a história e cultura brasileiras e

oferecimento de um calendário diversificado de atividades culturais, educacionais e de lazer para um público muito amplo, o que poderíamos chamar de extroversão ou fruição deste bem. No primeiro eixo, nossa atenção é voltada tanto para instituições dos vários níveis educacionais como para o público comum, interessado no conhecimento da história do bem e da sua importância para a história do país. O segundo eixo está voltado para a população local e das demais áreas da cidade, abrangendo várias faixas etárias. Por meio do Programa Portas Abertas são produzidos cursos de difusão cultural, palestras e oficinas, além do oferecimento de espetáculos de música, cinema, teatro e poesia. São duas possibilidades de apreensão do espaço e do seu significado pela comunidade. Evidentemente, as chances de preservação do bem são muito maiores quando existe uma relação sentimental da população do entorno e da cidade para com ele, pois ela será o seu primeiro e mais tenaz guardião. Então, uma das formas de solidificar essa relação é dar um fim útil ao monumento, sem que para isso haja necessidade de afetar a sua conservação. E penso que conseguimos fazer isto satisfatoriamente. Ao mesmo tempo, isto qualifica as Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos como um espaço público privilegiado de uma comunidade que é carente deste tipo de espaço e do que ele pode proporcionar.

Contemporâneos – *a educação voltada para a preservação do patrimônio é o ponto mais forte do trabalho desenvolvido nas Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos. Que estratégias foram adotadas para desenvolver esse processo?*

Rodrigo Christofolletti – a melhor maneira de fazer isto foi abrir o monumento para a visitação e para o conhecimento das pessoas, pois a ignorância em relação a um determinado bem histórico, cultural ou natural é elemento fundamental no concurso do seu desaparecimento. Cito o caso das Ruínas do Acaraú, na área continental de São Vicente - SP. Nesse local estão as ruínas do solar onde nasceu o grande cronista setecentista Frei Gaspar da Madre de Deus, importantíssimo para a história colonial da América portuguesa. Como o acesso à localização das ruínas é difícil, poucas pessoas, como os especialistas em história e patrimônio, sabem da sua existência. Se

nada for feito em relação à sua preservação, pode desaparecer sem deixar qualquer vestígio, o que seria uma perda enorme para o patrimônio histórico e cultural brasileiro. Portanto, é fundamental publicizar a existência dos monumentos e dos bens a serem preservados. E não vejo melhor instrumento para esse fim do que a educação, através do estudo da história e da cultura brasileiras. São as novas gerações, aquelas que ainda estão se formando, os melhores guardiões da riqueza cultural e natural do Brasil, pois diferentemente dos mais velhos, possuem acesso amplo à informação e podem ser educadas para fortalecerem essa dimensão. Uma das maneiras que utilizamos para isso foi abrir, durante os últimos anos, as portas do Engenho São Jorge dos Erasmos para escolas de todos os níveis, públicas ou particulares, e reforçar através das visitas monitoradas, essa dimensão fundamental da preservação. Inclusive, possuímos um convênio com a Secretaria Municipal de Educação de Santos que consiste na visitação de uma escola municipal por semana durante todo o ano letivo e que se torna uma atividade prática para os alunos reforçarem e confrontarem observações sobre o ciclo açucareiro colonial que aprenderam em sala de aula. Desde pequenos, esses futuros cidadãos tomam contato com a riqueza cultural do país e tornam-se os seus potenciais protetores. É o que preconizava lá nos anos sessenta a carta de Venenza de 1964: é na confluência entre o espólio cultural e a educação de seu povo que a preservação se efetiva.



Detalhe do Pavilhão Saia, Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos –USP

Contemporâneos – *a construção da narrativa histórica é um permanente encontro entre o antigo e o contemporâneo. É possível resgatar a história de um espaço inserindo-o na realidade do presente? Como isto ocorre nas “Ruínas”?*

Rodrigo Christofolletti – Primeiramente, devo dizer que esta questão me lembra alguns professores que tive no tempo de minha graduação: resgate é coisa de bombeiro! Mas, esta metáfora até faz sentido se pensarmos no estado precário que alguns bens se encontram hoje no país... É interessante desmistificar a ideia de que espaços como estes servem (no tom imperativo) apenas para ensinar, direcionar o olhar do visitante, como se nós fossemos detentores da verdade histórica absoluta sobre este espaço: prontos a salvar o patrimônio do descaso do tempo e do homem... E, nesse sentido é o que ocorre aqui. Isso quer dizer que nas visitas monitoradas, estamos a todo o momento fazendo uma ponte entre o passado e o presente, com algumas projeções possíveis com relação ao futuro, mas sempre respeitando o olhar crítico e até e mesmo o grau de desinformação do público com relação à história de nosso país... Então, tentamos despertar nos alunos e visitantes o gosto pela história situando a importância do ciclo açucareiro no período colonial e na atualidade, tomando como base o açúcar refinado e o biocombustível etanol. Além disso, a comparação entre o modo de vida daquela época e o de hoje, as condições as quais estavam sujeitos os escravos e o trabalho exercido pelos boias-frias nas usinas... esses elementos contribuem para a comparação e assim, para um exercício de historiador, pois este escreve sobre o passado com a cabeça no presente. Fazendo estas relações, é possível dar uma dimensão exata da importância do Engenho São Jorge dos Erasmos, enquanto fábrica (uma das primeiras do gênero no país), naquela época, e hoje, como patrimônio histórico e espaço privilegiado de educação e cultura.

Contemporâneos – *como fazer para que educação patrimonial e ciências dialoguem a fim de contribuírem com a formação de sujeitos mais conscientes da sua história e da realidade em que vivem?*

Rodrigo Christofolletti – eu entendo que todas as ciências estão em permanente diálogo, pois, apesar das suas distâncias conceituais e metodológicas, elas visam apenas um objeto: o homem no meio em que vive. No Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos, essa **preocupação é pertinente, pois dialogamos com várias áreas, inclusive na formação da equipe educativa que trabalha nas visitas monitoradas.** Temos historiadores, biólogos, arquitetos, engenheiros ambientais, jornalistas, além de um diálogo constante com a arqueologia e a geografia. A própria visita monitorada é uma conjunção de saberes de várias áreas específicas. Tudo isso, somado ao patrimônio, produz o caldo de saber que é fundamental para transformar os nossos cidadãos passivos em cidadãos ativos.

Contemporâneos – *o senhor, que é professor e pesquisador da História do Brasil do século XX, consegue perceber um interesse maior da população pelo passado e pela preservação da memória histórica no país atualmente?*

Rodrigo Christofolletti – sim, sem dúvida. O interesse do público em geral pela história se verifica no aumento progressivo da publicação de livros e revistas especializados, na melhoria dos cursos de graduação e pós-graduação e na reformulação do conteúdo da disciplina História, abordado na educação básica. Isto é o sinal de uma releitura do passado com outros olhos e da necessidade de parte da população em entender o processo formativo brasileiro, que ainda está em andamento. Percorrendo os caminhos da história e encontrando sua materialização nos monumentos e na tradição cultural do povo brasileiro, acredito que esta sede e fome de história somente tende a se tornar mais voraz. Mas esses novos ventos não podem ser solitários: a História só pôde viver este regozijo porque abriu os olhos para as ciências humanas de maneira geral, sem perder seu estatuto próprio. Quero com isso dizer que espaços como este onde trabalho e desenvolvo minhas reflexões sobre o patrimônio podem e devem servir de terreno fértil para esta correlação. Nesse sentido penso que o patrimônio é bem mais que mero

espólio cultural deixado de geração a geração... é a liga que cimenta a posição de um povo perante seus contemporâneos.

Recebido em fevereiro de 2013
Aprovado em abril de 2013.

1
1